

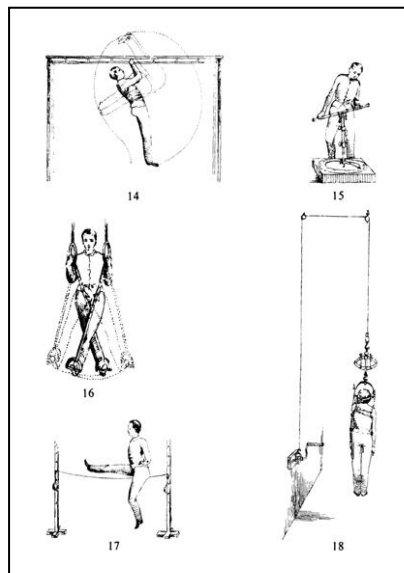
# LIÇÕES DA PSICOSE

Marcus André Vieira

## III – Schreber e a bengala<sup>♦</sup>

*A língua fundamental, assassinato da alma, homens feitos nas coxas, pássaros miraculados, forclusão, emasculação, raios, Ormuzd, Arimã, “este homem que amo eu odeio”, a grande estrada, Flechsig, crepúsculo do mundo, neologismos, o inconsciente a céu aberto, ritornelos, fenômenos elementares, estrutura psicótica, o que é abolido de dentro retorna desde fora, o delírio é uma tentativa de restabelecimento e reconstrução...Falta-nos o pensamento principal.*

Em torno do nome Schreber formou-se um zum-zum tanto genial quanto incomensurável. Schreber é hoje a encruzilhada de ao menos três textos magistrais: o dele mesmo, o de Freud e o de Lacan. Não pude encontrar método que ali recortasse as falas adequadas. Fiz como o personagem de *Estorvo* e meu *Lufthansa* foi o termo “gozo”. O Schreber de Lacan, às voltas com o gozo, foi o que me pareceu valer destacar.



### Arremate

O que faz com que alguém escreva sem parar, anote, analise, reveja corrija e, nisso, recriando nosso mundo, refaça o seu? Provavelmente o mesmo que fez Van Gogh aplicar camadas e camadas de amarelo sobre seus girassóis. Seu trabalho foi infinito e infinitamente recomeçado, infinitamente transbordo. Daniel, porém, foi capaz de dizer alguma coisa que não lhe pareceu a refazer, pelo menos não durante alguns bons oito anos, em que, graças a sua obra, recobrou seus direitos de cidadão em um tempo em que louco bom era louco preso.

### Ponto de basta

De alguma forma, sua angustiada existência pôde ser dividida em alguns pontos e parágrafos. Em algum lugar plantou-se um “ponto de basta”, graças a produção de *Memórias de um doente de nervos*.

O ponto de basta é algo em torno do que “tudo se irradia e tudo se organiza, como nessas linhazinhas de força formadas na superfície de uma trama pelo ponto de estofo. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e retrospectivamente tudo o que se passa nesse discurso” (303)

### Umbigo

---

<sup>♦</sup> Texto preparatório para a terceira aula do Curso livre do ICP-RJ, realizado no Instituto Philippe Pinel, segundo semestre de 2007.

Este algo não é exatamente uma palavra. Sua topologia é muito especial. Como centro nervoso, ele não significa nada, nada diz. As coisas é que dizem com relação a ele. Neste sentido ele é muito mais “umbigo do sonho” do que significante (que só tem valor, significação, com relação a outro). Falando do centro do delírio, Lacan é perfeitamente claro ao destacar este paradoxo de um “cheio” que é, na verdade, com relação à trama do sonho, um furo:

[É um] sentido que tem por natureza ocultar-se mas, que se coloca com um sentido extremamente pleno cuja fuga aspira o sujeito em direção ao que seria o cerne do fenômeno delirante (...). Vocês sabem que umbigo é empregado por Freud para designar o ponto em que o sentido do sonho parece acabar em um buraco, um nó, além do qual é verdadeiramente no cerne do ser que parece se prender o sonho (294)

### **Postulado**

Quem vem primeiro? O ponto de basta ou o texto do delírio? Lacan às vezes indica um, às vezes outro. Não importa. Não há texto vivo sem uma verdade que o habite, assim como não há sonho sem umbigo. A produção de um ponto de basta é um trabalho de escrita que situa esta construção como algo artesanal e evidentemente concreto. Para Schreber, o ponto de basta é claramente um artefato, produto concreto do enorme esforço de pensamento a que se vê levado para dar conta da perda de todas as referências em um “crepúsculo do mundo”. O ponto de basta se engendra a partir de um postulado (cf. Clerambault). O *primum movens* será uma certeza, a de que ser uma mulher na cópula pode ser divino. A partir daí todo um delírio se constrói, em que, mulher de Deus, Daniel dará à luz a uma nova raça de seres.

### **Figura e fundo, figura e furo**

Parece loucura. E é. Um minuto, porém. A idéia de que uma mulher deve ter um gozo especial, está por aí, no ar. A mulher, esse ser tão estranhamente sábio e tão elegantemente inaudito, de tantas maneiras cantada, da academia às frases de caminhão. Schreber nada inventou. Apenas colheu essa figura *Yin* da cultura para dar a uma inundação um endereçamento. Os raios divinos agora lhe visam. E, nisso, a própria inundação ganha nome: Deus. Entre Deus e essa mulher em que ele, “emasculado” se tornou, agora há a possibilidade de uma relação, sexual é verdade, mas tendo um ponto de mira no infinito, um furo, a criação de uma nova raça, um dia, lá na frente. É isso, tal como situa Lacan com seu esquema I na *Questão preliminar*, o ponto de basta de Schreber.

### **Deus pai e deus gozo**

Dessa forma, a intervenção maior de Lacan sobre o texto de Freud foi dizer “atenção, o Deus de que fala Schreber e que Freud aproxima do pai, é tudo menos o papai em que tendemos a pensar”. Nada de carinho terno, ele é possante em invasão e onipresente gozo-mar.

A seqüência, retrospectivamente é assim narrada por Lacan. Primeiro esse fenômeno essencial da psicose, o transbordo:

O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada (...) – mas que pode, em certas condições ameaçar todo o edifício (102)

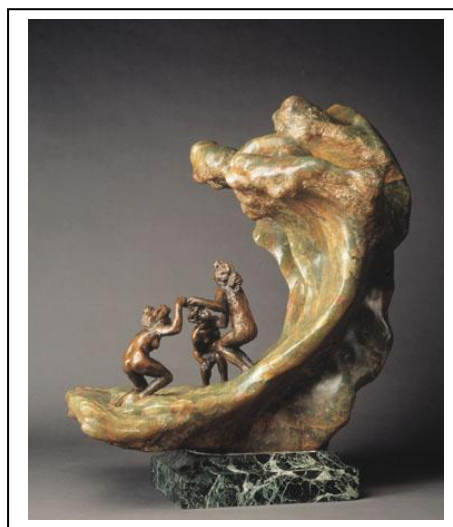
Onde Lacan escreve “A significação como tal”, leiamos, o sentimento oceânico de que o mundo é muito mais do que tudo o que vivemos, diante deste milagre do real nossas paixões e existências são apenas, segundo Nietzsche, nuvens que passam em úmidas

atribuições. De vez em quando trombamos com esse “poder real”, mas apenas para alguns, como Estamira, ele se apresentou a tal ponto desconectado da pequena malha de significações que costumamos chamar “eu”, nosso território subjetivo no mundo, que fez desmoronar todas as edificações da cidade.

### Ondas

A melhores imagens do transbordo nos são talvez dadas por Camille Claudel e sua série de ondas. A questão não é se estamos do lado de cá ou de lá da onda. Ela não é o real em si, mas uma construção imaginária dele. Isso posto, a psicose não é apenas uma invasão do real sem nexo que seria a seguir recoberto pelo imaginário (da onda por exemplo) sem que disso participasse o simbólico. A psicose não é um rebaixamento ao nível imaginário das coisas (cf. “uma psicose não é o desenvolvimento de uma relação imaginária com o mundo exterior (126)).”

A linguagem está presente, apenas de outro modo. O fenômeno psicótico, além da inundação, envolve também uma posição de certa exterioridade com relação à linguagem, ao Outro. O incrível é que essa exterioridade o apresenta como tal, *Google*, uma série de frases entrecortadas, interrompidas, rede infinita sem sentido, pois “a função da frase em si mesma não carrega consigo sua significação (118).” A psicose tem, em meio à seu furacão de significações inacabadas, um mar de textos soltos, frases interrompidas, pensamentos, bibliotecas infinitas, tudo solto à deriva e se acumulando, invadindo inundando. Conclusão: O transbordo é feito tanto de real, quanto de simbólico. Tudo ao mesmo tempo agora...



### Conexão delírio

A questão então é de estruturação. Neste ponto surge o delírio, para refazer o mundo a partir do ponto de conexão, ponto de estofo. Daniel ensina sobre como, com o imaginário das figuras da cultura, pode-se construir um ponto de basta. Assim como a mulher, outras figuras estão por aí. Se tenho a sensação de que algo me invade, por todos os lados, posso atribuir àquele sujeito que me deu um esbarrão no ônibus uma intenção e nela colar um rosto. Porque não Bin Laden? Talvez isso dê conta de fornecer a esse real um lugar e um endereço conforme a sua onipresença. A alcaida está em todo lugar, até no Brasil, até no 422 ou no 174. Parece louco? É.

Nem sempre funcionará muito bem essa conexão entre o real de um gozo difuso e um rosto. Só quando ela puder estabilizar a distinção, no transbordo, do gozo (sempre meio enlouquecido) de um lado e do o Outro (agora simbólico) do outro. Se a coisa não colar, então que outras montagens se façam até que alguma sirva. É importante saber porque uma colou e outra não, mas não, como na neurose, para buscar um ser mais profundo, apostando que as imagens mais fortes da verdade estarão no passado ou na infância. Importa mais saber quais as montagens que melhores condições terão de se sustentar.

### Nome do pai

Aceitar que o delírio também produz um verdadeiro ponto de basta nos afasta da crença de que para que haja texto de vida estável é obrigatória a crença em um saber maior, do Nome do Pai como único ponto de basta universal. Na psicose, nenhuma das duas vertentes da crença no pai funciona. Nem o pai que tudo sabe, nem o impotente. Nem

um saber universal da tradição, que se aceita sem perguntar o porque, nem a crença em um não-saber universal, habitando todo texto humano e nele inscrevendo uma verdade fugitiva. De quebra, a psicose mostra como essa nossa certeza de que alguém em algum lugar sabe das coisas, apesar de tão operativa, é tão feita de nada. Lacan a chama de avenida principal, “a grande estrada”, para destacar o quanto ela é inteiramente obra humana, mesmo quando segue os relevos do terreno ou as necessidades geográficas. O que faz com que a Rio Branco seja mais importante do que a Av. Brasil? Nada a não ser uma série de decisões que incluem não apenas sérios arquitetos, políticos corruptos e ativistas do meio ambiente, mas também aqueles que vão usar uma via mais que outra por mil e uma razões até torná-la o leito ideal para o escoamento de toda uma população.

### **Papai Noel**

O caráter aleatório e improvisado desse traçado só não nos aparece de imediato porque acreditamos que tudo o que acontece segue alguma lógica maior. Lacan, a partir de Schreber, não apenas destaca a importância dessa crença, ao situá-la como função paterna, Nome do pai. Ao mesmo tempo exhibe-a no que ela tem de puro artefato ao nela colocar vestes vermelhas e um saco nas costas:

Todos vocês estão e eu mesmo com vocês inseridos nesse significante maior que se chama Papai Noel. Como Papai Noel tudo se arranja, e direi mais se arranja bem. (361)

### **Homossexual?**

Retome-se então o grande texto de Freud sobre Schreber. Releia-se tudo a partir disso. É o que fez Lacan. Para ele a questão ali é dar nome e endereço a um gozo deslocalizado e uma mediação entre esse gozo e nosso próprio corpo. Ou como afirma:

O que há de tangível no fenômeno de tudo o que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal e da impossibilidade dessa abordagem (360) (...) Após o encontro, a colisão, com este significante inassimilável, trata-se de reconstituí-lo, já que esse pai não pode ser um pai bem simples, um pai redondinho, o pai de ainda há pouco, o pai que é o pai para todo mundo (360) [o Papai Noel].

A afirmação freudiana de que Schreber estava se defendendo de uma tendência homossexual com relação ao Pai deve ser lida a quilômetros do que pensamos de saída. Aliás, se não fosse assim, como encontrar algum valor neste Freud hoje, quando homossexualismo em nada mais é sinônimo de gozo invasor e os pais são cada vez mais os palhaços da corte?

A psicose ensina o quanto, sem Papai Noel, é preciso, muitas vezes, forjar, em cada texto o lugar de uma certeza invisível, assim como a cada encontro e a cada esquina sua própria cidade.

### **Bibliografia**

- Lacan, J. *O Seminário – livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: JZE, 1985,  
“Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998.
- Clerambault, C. G. de,  
Freud, S.  
Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*, São Paulo, Paz e terra,
-

---

Graças a Tatiane Grova, segue um pequeno histórico da escrita de Schreber pelo próprio Lacan.

LACAN, J. *O Seminário* – livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: JZE, 1985, pp. 126-129.

Vamos começar pelo fim, e nos esforçaremos por compreender voltando ao início. Se adoto esta via não é simplesmente por um artifício de apresentação, ela é conforme à matéria que temos nas mãos.

Eis um sujeito que esteve doente de 1883 a 1884, que teve em seguida oito anos de repouso, e é no fim do nono ano após o início da primeira crise, em outubro de 1893, que as coisas recomeçam no plano patológico. Ele entra na mesma clínica onde havia sido tratado a primeira vez, dirigida pelo Dr. Flechsig, e vai ficar aí até meados de junho de 1894. Seu estado é complexo. É possível caracterizar-lhe o aspecto clínico como uma confusão alucinatória, e mesmo um estupor alucinatório. Mais tarde ele fará um relatório, certamente deformado, de tudo o que viveu. Dizemos confusão para caracterizar a maneira nebulosa como ele se lembra de certos episódios, mas outros elementos, e especialmente suas relações delirantes com diferentes pessoas que o cercam, serão suficientemente conservados para que ele possa dar um testemunho válido. É todavia o período mais obscuro da psicose. Notem bem que é somente através desse delírio que podemos ter conhecimento dele, já que também não estávamos lá, e que, sobre esse primeiro período, os certificados dos médicos não são ricos. Schreber se lembra dele seguramente bastante bem no momento em que ele vai testemunhar para poder aí estabelecer as distinções, e salientar em particular um deslocamento do centro do interesse nas suas relações pessoais para com o que ele chama de almas.

As almas não são seres humanos, nem essas sombras com as quais ele lida, mas seres humanos mortos com quem ele tem relações particulares, ligadas a toda espécie de sentimentos de transformação corporal, de inclusões, de intrusões, de trocas corporais. É um delírio em que a nota dolorosa representa um papel muito importante. Eu não falo ainda de hipocondria, que é aliás um termo vago em nosso vocabulário, projeto as grandes linhas.

Do ponto de vista fenomenológico, e mantendo-se prudente, admitir-se-á que há aí um estado que pode ser qualificado de crepúsculo do mundo. Ele não está mais com os seres reais – esse não está mais com é característico, pois ele está com outros elementos bem mais embaraçosos. O sofrimento é a tonalidade dominante das relações que ele mantém com eles, e elas implicam a perda de sua autonomia. Essa perturbação profunda, intolerável, de sua existência, motiva nele todas as espécies de comportamentos que ele só nos indica de uma forma forçosamente sombreada, mas cuja indicação temos pela maneira como é tratado – ele é vigiado, à noite é trancafiado, privado de qualquer instrumento. Ele aparece nesse momento como um doente num estado agudo muito grave.

Há um momento de transformação que se situa, nos diz ele, por volta de fevereiro-março de 1894. As almas com as quais ele tem suas trocas no registro da intrusão ou da fragmentação somática são substituídas pelos ditos Reinos divinos posteriores. Há aí uma intuição metafórica do que está por trás das aparências. Esses Reinos aparecem sob uma forma desdobrada, Ormuzd e Arimã. Aparecem também os raios puros, que se comportam de uma maneira bem diferente que as almas ditas examinadas, que são raios impuros. Schreber nos fala da profunda perplexidade em que deixam os efeitos dessa pretensa pureza, que só se pode atribuir a uma intenção divina. Ela não deixa de ser perturbada por elementos provenientes das almas examinadas, e pregam aos raios puros todas as espécies de peças, tentam captar-lhe a potência em seu proveito, interpõem-se entre Schreber e sua ação benéfica. A tática da maior parte dessas almas, animadas por intenções malignas, é descrita de modo muito preciso, e nomeadamente a da figura de proa, Flechsig, que fraciona sua alma para repartir os seus pedaços no hiperespaço interposto entre Schreber e o Deus afastado de que se trata. *Eu sou aquele que está afastado*, encontramos essa fórmula que exprime um eco bíblico numa nota em que Schreber nos relata o que Deus lhe confia. O Deus para Schreber não é aquele que é, é aquele que está... bem longe.

Os raios puros falam, eles são essencialmente falantes, há uma equivalência entre raios, raios falantes, nervos de Deus, mais todas as formas particulares que eles podem tomar, até e inclusive suas formas diversamente miraculosas, entre as quais as tesouras. Isso corresponde a um período em que domina o que Schreber chama a *Grundsprache*, espécie de alto alemão delicioso que tem a tendência de se exprimir por eufemismos e por antífrases – uma punição se chama, por exemplo, uma recompensa e com efeito a punição é, à sua maneira, uma recompensa. Teremos de voltar ao estilo dessa língua fundamental, para repor o problema do sentido antinômico das palavras primitivas.

Subsiste sobre esse assunto um grande mal-entendido a respeito do que disse Freud, que fez mal unicamente ao tomar como referência um lingüista que achavam um pouco avançado, mas que tocava em alguma coisa de preciso, ou seja, Abel. O Sr. Benveniste nos trouxe sobre isso no ano passado uma contribuição que tem todo o seu valor, ou seja, a de que não há como pensar, num sistema significativa, a

existência de palavras que designam ao mesmo tempo duas coisas contrárias. As palavras são feitas justamente para distinguir as coisas. Ali onde existem palavras, elas são forçosamente feitas por pares de oposição, elas não podem juntar em si mesmas dois extremos. Quando passamos à significação, é outra coisa. Não deve surpreender que se chame *altus* a um poço profundo, porque, diz-nos ele, segundo o ponto de partida mental em que está o latim, é do fundo do poço que isso parte. Basta-nos refletir que em alemão chama-se o juízo final de *jüngstes Gericht*, ou seja, *juízo mais jovem*, que não é a imagem empregada na França. Dizemos, no entanto, *votre petit dernier*<sup>1</sup> para designar o mais jovem. Mas o juízo final nos sugere antes a velhice.

Em 1894, Schreber é transferido para a casa de saúde do Dr. Pierson em Koswitz, onde ele fica quinze dias. É uma casa de saúde particular, e a descrição que dela nos dá apresenta-a, se posso assim dizer, como muito mordaz. Reconhecemos nela, do ponto de vista do doente, traços que não deixarão de deleitar aqueles que guardam algum senso do humor. Isso até que não é mau, é bastante brejeiro, tem o lado boa apresentação da casa de saúde particular, com seu caráter de profunda negligência da qual nada nos é poupado. Schreber não fica ali muito tempo, logo o enviam para o mais velho asilo psiquiátrico da Alemanha, no sentido venerável da palavra, em Pirna.

Antes de sua primeira doença, ele estava em Chemnitz, é nomeado em Leipzig, depois é em Dresden que ele é nomeado presidente do Tribunal de Apelação, exatamente antes de sua recaída. De Dresden, é em Leipzig que ele vai se arranjar para ser cuidado. Koswitz fica em alguma parte do outro lado do Elba em relação a Leipzig, mas o lugar onde ele vai passar dez anos de sua vida está a montante do Elba.

Quando ele entra em Pirna, ainda está muito doente, e só começará a escrever suas *Memórias* a partir de 1897-98. Considerando que ele está num asilo público, e que as decisões podem demandar aí certo atraso, entre 1896 e 1898 ainda o colocam à noite numa célula dita de demente, onde ele se apodera, numa caixinha de flandres, de um lápis, pedaços de papel, e onde começa a compor pequenas notas, a que chama seus pequenos estudos. Há, com efeito, além da obra que nos legou, cerca de uns cinqüenta pequenos estudos aos quais faz referência de vez em quando, que são as notas que ele tomou naquele momento, e que lhe serviram de material. É evidente que esse texto, que não foi, em suma, redigido muito antes de 1898, e que se estende quanto à sua redação até 1903, época da liberação de Schreber, já que ele compreende o seu processo, dá testemunho de uma maneira muito mais segura, muito mais firme, do estado terminal da doença. Quanto ao resto, nem mesmo sabemos quando Schreber morreu, mas apenas que ele teve uma recaída em 1907, e que foi admitido de novo numa casa de saúde, o que é muito importante.

Vamos começar na data em que ele escreveu suas *Memórias*. Tudo o que ele pode testemunhar a partir daquela data já é suficientemente problemático para nos interessar. Mesmo se não resolvermos o problema da função econômica do que chamei há pouco fenômenos de alienação verbal – chamemo-los provisoriamente alucinações verbais –, o que nos interessa é o que distingue o ponto de vista analítico na análise de uma psicose.

---

<sup>1</sup> [NT] Literalmente: *seu último pequeno*; trata-se de nosso africano *caçula*.